

**DISLEXIA: UMA ABORDAGEM TEÓRICO-
METODOLÓGICA ACERCA DE SUAS NUANCES NO
CONTEXTO ESCOLAR**

**DYSLEXIA: AN APPROACH TO ITS IMPLICATIONS
IN THE SCHOOL CONTEXT**

DOI: <https://doi.org/10.31692/2595-2498.v6i3.303>

¹MARIA RITA DE CÁSSIA CUNHA

SMEC - Secretaria Municipal da Educação e Cultura de Jacobina, maria.rita_cassia@hotmail.com

RESUMO

O presente estudo possui a finalidade de abordar a dislexia como um dos mais significativos problemas dentro do sistema de ensino e aprendizagem que influencia na capacidade de leitura, conhecimento das palavras, da escrita, da soletração, como também na interpretação e compreensão de textos e de atividades que englobam o raciocínio lógico. A presente pesquisa se justifica na percepção de difundir as informações encontradas no âmbito educacional e tem como principal objetivo caracterizar a dislexia: sintomas, causas, diagnósticos e as perspectivas intervenções pelos profissionais da educação. A instituição escolar, como responsável pelo aprimoramento das potencialidades didáticas das crianças deve possuir em sua equipe pedagógica e de docentes, profissionais qualificados que tenham a capacidade de fornecer um diagnóstico de dislexia e dificuldade de aprendizagem, com maior celeridade possível, direcionando-os para atendimento adequado com especialistas e praticar atividades pedagógicas que envolvam o aprendente disléxico. Todo processo escolar deve ser direcionado a orientar o aluno com dislexia a superar as barreiras, diante das quais o educador deverá ter uma postura de receptividade, tolerância, paciência, perseverança e propor projetos educativos específicos de assistência e auxílio no desenvolvimento deste. Para tanto, apoiamos-nos em uma pesquisa de cunho bibliográfico que contou com análises de trabalhos acadêmicos e de autores com conhecimentos aprofundados sobre o tema. Dentre as múltiplas bases para tal imersão teórica, demos enfoque aos seguintes autores, com vastas publicações e estudos na área, a saber: tratando sobre as dificuldades de aprendizagem, de modo geral: Coelho (2016), Paín (1985), Ohlweiler (2016); A leitura e escrita: Solé (1998), Rebelo (1993); A dislexia enquanto problema específico de aprendizagem: Shaywitz (2006), Hennigh (2003), Moura, Pereira e Simões (2018).

Palavras-chave: dificuldade de aprendizagem; distúrbios; leitura; escrita; dislexia.

ABSTRACT

The present study aims to address dyslexia as one of the most significant problems within the teaching and learning system that influences the ability to read, knowledge of words, writing, spelling, as well as the interpretation and understanding of texts and activities that encompass logical reasoning. The present research is justified by the idea of disseminating the information found in the educational context and its main objective is to characterize dyslexia: symptoms, causes, diagnoses and perspectives for interventions by education professionals. The school institution, as responsible for improving the didactic potential of children, must have in its pedagogical and teaching team, qualified professionals who have the ability to provide a diagnosis of dyslexia and learning difficulties, as quickly as possible, directing them to an adequate treatment with specialists and practice pedagogical activities that involve the dyslexic learner. The entire school process must be aimed at guiding students with dyslexia to overcome barriers, in the face of which the educator must have an attitude of receptivity, tolerance, patience, perseverance and propose specific educational projects of assistance and assistance in their development. To this end, we relied on bibliographical research that included analyzes of academic works and authors with in-depth knowledge on the topic. Among the multiple bases for such theoretical immersion, we focused on the following authors, with vast publications and studies in the area, namely: dealing with learning difficulties, in general: Coelho (2016), Paín (1985), Ohlweiler (2016); Reading and writing: Solé (1998), Rebelo (1993); dyslexia as a specific learning problem: Shaywitz (2006), Hennigh (2003), Moura, Pereira and Simões (2018).

Keywords: learning difficulty; disorders; reading; writing; dyslexia.

INTRODUÇÃO

Geralmente, o estudo sobre Dislexia é pouco disseminado nas formações dos

professores. Este trabalho apresenta como objetivo central explorar contribuições e informações que se relacionem com as dificuldades de leitura e escrita e que se apresentam no crescimento pessoal e educacional de aprendentes tidos como portadores de Dislexia.

É sugestionado também aprofundar-se nos conceitos, características, sintomas, identificação dos comportamentos intelectuais e físicos, analisar as possíveis atividades e planos de ações dos professores, suas atribuições como educadores e mediadores no processo de aprendizagem e as formas de se trabalhar pedagogicamente com um aprendente portador de dislexia.

O aprofundamento sobre a questão da dislexia é um dos entraves mais recorrentes no ambiente da sala de aula, onde fica evidente o comprometimento da capacidade da criança em ler, entender, escrever e soletrar palavras, bem como o entendimento de textos e raciocínio lógico.

Como será abordado no decorrer deste artigo, a dislexia é um distúrbio de aprendizagem que atinge crianças, adolescentes e adultos em variados níveis educacionais, refreando o processo de desenvolvimento de leitura e escrita.

Para que haja uma formação de estratégias e intervenção por parte do educador, é de extrema importância a avaliação e diagnóstico da dislexia, a fim de que, a partir de dados especificados, o professor possa conduzir a aprendizagem de forma mais específica, com atividades baseadas na ênfase da leitura e da escrita.

Faz-se necessário que a escola tenha consciência da sua responsabilidade para com os alunos que apresentem dificuldades e transtornos no âmbito da leitura e escrita e, ao constatar casos de dislexia, por exemplo, deve buscar profissionais especializados para acompanhamentos, tais como psicopedagogos, médicos neuropediatras, neurologistas, fonoaudiólogos, psicólogos, entre outros profissionais; e tomar iniciativas que garantam a construção de metodologias voltadas para o aluno com dislexia, colaborando para que haja a superação de barreiras.

Para que haja um atendimento positivo, eficiente e apropriado que propicie ao aluno sentir-se capaz, ajustes no ambiente escolar, somado à participação da família, são de extrema importância, uma vez que a família tem o contato maior com o indivíduo, possuindo condições de fornecer relevantes informações para o processo, tanto na parte médica como na pedagógica.

Com este estudo sobre as dificuldades de aprendizagem e a dislexia, pretende-se contribuir para que profissionais e educadores que atuam na área da educação criem a responsabilidade de informar à sociedade a importância desta síndrome no cenário atual e o que ela produz em todos os envolvidos nesta área.

Este estudo foi de cunho investigativo, através do qual se buscou entender um pouco mais sobre o transtorno da dislexia. Utilizou-se os recursos das pesquisas bibliográficas, com base em referenciais teóricos como livros e trabalhos acadêmicos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Alguns dos seus alunos apresentam problemas em seguir instruções, ler ou realizar cálculos simples, frequentemente? Estes podem ser sintomas de algum tipo de dificuldade de aprendizagem. Antecipadamente, é inegável que discernir um do outro apresenta um caráter crucial para a proposição de intervenções eficazes.

O QUE SÃO DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM?

De acordo com Felix e Freire (2012), o que diferencia as dificuldades e os transtornos de aprendizado é que os problemas que ocasionam aquela têm origens externas ao indivíduo, destacando-se problemas socioculturais ou pedagógicos.

Para Cruz (1999), a primeira tentativa de conceituar as dificuldades de aprendizagem, e ainda hoje muito utilizada, é a definição trazida por Samuel Kirk, segundo o qual as dificuldades de aprendizagem se centralizam nas dificuldades enfrentadas, nos processos relacionados à linguagem e no rendimento escolar/acadêmico, decorrente de uma disfunção cerebral ou alteração emocional ou comportamental, e que independe da idade do indivíduo. Nesse caso, podemos dizer que é uma situação instantânea que incide quando influências em meio externo afetam o processo de aprendizagem.

Em contrapartida, os transtornos são conceituados pela American Psychiatric Association (2014) como “dificuldades na aprendizagem e no uso de habilidades acadêmicas, que tenha persistido por pelo menos 6 meses, apesar da provisão de intervenções dirigidas a essas dificuldades.”. Portanto, se caracterizam por questões persistentes, onde o aluno encontra-se abaixo do esperado, com a idade cognitiva diferente da idade cronológica prejudicando o desempenho escolar.

Essa confusão pode suceder por variados fatores, tais como: a metodologia de ensino, o ambiente escolar, os problemas pessoais (emocionais) e familiares, além desse período pandêmico que exigiu grandes mudanças na dinâmica de ensino e impactou, diretamente, os aprendentes. É importante compreender que “aprender coisas novas nem sempre é fácil”. Portanto, é normal que alguns discentes exponham mais dificuldade do que outros no processo de aprendizagem, na aquisição de conteúdos. Porém, isso não impossibilita de obter novos conhecimentos, nem ao menos sugerem que eles sejam incapazes, somente requisita um olhar

especial de toda equipe escolar, essencialmente do professor e família. Por isso, é importante os professores e os gestores saberem como identificar e agir diante dessa situação.

O QUE SÃO TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM?

Segundo Ohlweiler (2015, p. 108)

(...) os transtornos da aprendizagem compreendem uma inabilidade específica, como de leitura, escrita ou matemática, em alunos que apresentam resultados significativamente abaixo do esperado para seu nível de desenvolvimento, escolaridade e capacidade intelectual.

Por outro lado, o processo educacional pode evidenciar os transtornos de aprendizagem. Com isso, a definição é de que eles impactam os aspectos voltados para o neurodesenvolvimento – ou seja, uma condição neurológica (interna) – e têm o caráter de persistência.

Inclusive, pesquisas da área revelam que o desempenho de um aluno diagnosticado tende a ser abaixo da média esperada; aliás, para Crenitte (2019), a prevalência gira em torno de 5% a 15% das crianças em idade escolar.

Por falar em diagnóstico, para que o especialista detecte o transtorno de aprendizagem, ele deve realizar uma avaliação clínica e abrangente. Afinal, não há testes que possam ser feitos por meio de neuroimagem ou exames genéticos cuja resposta para a ocorrência do transtorno seja elucidada.

Ademais, alunos com transtornos de aprendizagem podem apresentar dificuldade de leitura, escrita e matemática, ou seja, a criança tende a manifestar tanto a dislexia, disgrafia, discalculia e disortografia.

DISLEXIA

O QUE É?

Etimologicamente, dislexia deriva dos conceitos dis (desvio) + lexia (leitura, reconhecimento das palavras). Segundo Silva & Dernardi (2011) “a dislexia é a perturbação de maior incidência nas salas de aula”. Sobre o termo “perturbação” (utilizado em Portugal) pode-se entender como uma grande dificuldade em aprender a ler e a escrever, fazendo com que o estudante não consiga relacionar os sons da fala com a grafia da escrita, realiza troca de letras que possuem aspectos espaciais semelhantes e é muito comum que invertam letras nas palavras ou palavras nas frases, ou ainda juntem palavras ou separem as sílabas de forma indevida quando escrevem (veremos alguns exemplos, mais adiante).

A dislexia afeta, portanto, a aprendizagem e a utilização instrumental da leitura

ocasionando problemas ao nível da consciência fonológica. Contrariamente ao que alguns julgam, a dislexia não está associada a um baixo nível intelectual; pelo contrário, cientificamente falando, pessoas com esse transtorno de aprendizagem muitas vezes têm um Q.I. acima da média. Se seu filho/aluno foi diagnosticado com dislexia, saiba que é inteligente e capaz como qualquer outra criança de sua idade, só demanda novas formas de ensinar e aprender!

Subtipos

A dislexia manifesta-se num grupo bastante variado de crianças, uma vez que se algumas são incapazes de ler, soletrando foneticamente todas as letras de uma palavra, outras podem apresentar problemas de expressão e compreensão oral. Devido a esta realidade, vamos classificar apenas três tipos de dislexia evolutivas: a visual, auditiva e a mista.

1. Tipo visual ou diseidética: alunos que têm dificuldades em entender, globalmente, as palavras, têm dificuldade em unir o conjunto de letras que as compõem, proporcionando uma leitura lenta, pausada e isolando as palavras nos seus fonemas, isto é, leem, foneticamente, todas as palavras como se as tivesse visto pela primeira vez. Os erros mais frequentes são as alterações visoespaciais de letras/sílabas/palavras como: **b** em vez de **d**; **em** em vez de **me**; **bolo** em vez de **lobo**;

2. Tipo auditiva ou disfonética: tem como principal característica a dificuldade em relacionar o som (fonema) com o símbolo (grafema) e tem como causa um possível déficit no processamento fonológico ou no processamento auditivo central, possui dificuldade em ler palavras que não estão no seu vocabulário.

O trabalho pedagógico com estes alunos requer o investimento em recursos visuais, evitar o uso de palavras que não são do cotidiano da criança, introduzir novos vocabulários aos poucos, observar a propagação do som na sala e a posição do aluno nela, e consultá-lo sobre suas necessidades a fim de atendê-las (IANHEZ & NICO, 2003; JARDINI, 2003; SHAYWITZ, 2006; ALVES, MOUSINHO & CAPELLINI, 2011);

Portanto, essas crianças apresentam confusão na interação letra-som, despontando erros de discriminação auditiva, tendo dificuldade em ler palavras desconhecidas, assim dizendo que não fazem parte do seu vocabulário.

3. Tipo mista ou aléxica: ocorrem alterações associadas das duas formas anteriores, isto é, apresentam problemas visuais como problemas fonológicos, provocando intensa incapacidade para desenvolver a leitura.

É importante especificar as dislexias adquiridas, isto é, quando o indivíduo, depois de aprender a ler, perde essa habilidade por consequência de uma lesão cerebral.

As definições anteriores mostram a importância não só de fazer a criança ler e escrever durante o processo de aprendizagem, mas, também, de observar todo o material escolar, inclusive os cadernos com as produções diárias.

Causas da Dislexia

Alguns estudiosos relatam que não há identificação de uma causa exclusiva para a dislexia, os mesmos afirmam que se trata de um transtorno de causas múltiplas (Rebelo, 1993, e Torres & Fernández, 2001). De forma resumida, as causas mais comuns para o surgimento da dislexia são as seguintes:

- Disfunções a nível cerebral - nomeadamente um mau funcionamento ou atraso na maturação do Sistema Nervoso Central e/ou perturbação* nos neurônios, ou seja, os neurônios não estabeleceram corretamente o seu contato, dificultando as funções de coordenação;
- Fatores genéticos – provam que a dislexia possui, frequentemente, um carácter familiar que predispõe a transmissão a nível hereditário;
- Caso familiares puros - pais com dislexia provocada por lesões cerebrais transmite aos filhos sem lesões a dislexia, em 97% dos casos;
- “Perturbações” instrumentais relacionadas com o esquema corporal – má organização das estruturas espaço-temporais, má lateralidade, linguagem e função simbólica;
- “Perturbações” durante o parto ou no início da vida;
- Doenças como, por exemplo, as encefalopatias;
- “Perturbações” nutricionais e ambientais - no início da vida da criança, a desnutrição grave pode afetar o sistema nervoso central, que irá por sua vez afetar a aprendizagem e o desenvolvimento da criança.

METODOLOGIA

De acordo com Pizzani et al. (2012), a pesquisa bibliográfica se trata de uma revisão da literatura sobre as principais teorias que guiam o trabalho científico, podendo ser realizada através de periódicos, artigos de jornais, livros, etc.

Nesse sentido, esse trabalho de cunho bibliográfico, do tipo informativo, buscou garimpar a literatura que aborda as dificuldades de aprendizagem, de modo geral, além das nuances da leitura e escrita na escola e os impactos causados pela dislexia, especificamente, no processo de codificação/decodificação/proficiência leitora e escritora.

Para tanto, inicialmente aborda o conceito de dificuldades de aprendizagem, extraídos da obra de Felix e Freire (2012) e Cruz (1999), e de transtornos de aprendizagem, definidos pela American Psychiatric Association (2014) e Ohlweiler (2015), para, então, estabelecer uma diferenciação entre eles.

Em seguida, com base na obra de Silva & Dernardi (2011), Rebelo (1993), e Torres e Fernández (2001), apresenta a definição, tipos, subtipos e possíveis causas para o surgimento da dislexia. Ademais, apresenta os indicadores primários de dislexia nos diferentes níveis de ensino, de acordo com estudos propostos por Torres e Fernandez (2001), Shaywitz (2008) e Silva e Denardi (2011), para, por fim, com base das diretrizes estabelecidas por Coelho (2019), abordar condutas que possam facilitar e potencializar a práxis docente no processo de intervenção realizado pelo professor no âmbito escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Cogan (2002, apud NARDI, 2009), são os professores que têm um papel primordial na detecção precoce da dislexia, pois são eles que contatam mais diretamente com as crianças, na altura em que estas estão a iniciar o seu processo de aprendizagem da leitura. A eles acrescenta-se, ainda, o papel dos encarregados de educação, pois é em casa que a criança exibe e treina as suas capacidades leitoras, adquiridas na escola.

Selecionamos alguns indicadores primários, ou seja, sinais de alerta, por nível de ensino, que podem estar presentes e ajudar a identificar a dislexia precoce. Salientando que o processo de diagnóstico clínico é muito difícil (normalmente é realizado depois dos 6 ou 7 anos de idade) e deve ser feito por uma equipe multidisciplinar especializada.

NÍVEL DE ENSINO	COMPORTAMENTOS OBSERVADOS
P R É - E S C O	<ul style="list-style-type: none">• Início tardio do desenvolvimento da linguagem aos níveis fonológico, articulatorio e fluidez;• Problemas em seguir rotinas;• Início tardio da marcha;• Falta de habilidade para realizar algumas tarefas motoras: agarrar/pegar numa colher, chutar uma bola, atar/amarrar os sapatos;• Problemas de lateralidade (confunde a esquerda com a direita);

<p>L A R</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade em aprender poemas/cantigas simples; • Falta de interesse por rimas; • Dificuldade na aprendizagem das letras e soletração; • Dificuldade no reconhecimento das letras do seu nome.
<p>1º ANO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de interesse por livros impressos; • Dificuldades motoras na execução de exercícios manuais e de grafismo (pressão do lápis); • Dificuldades em noções temporais (ontem/hoje/amanhã; antes/agora/depois); • Dificuldades em associar as letras aos sons (aprendizagem do alfabeto); • Dificuldade em ler palavras monossílabas e em soletrar palavras simples; • Compreensão verbal deficiente; • Fuga a atividades de leituras.
<p>A PARTIR DO 2º ANO</p>	<p><i>Problemas de expressão oral:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade na pronúncia de palavras longas; • Utilização de vocabulário reduzido e impreciso; • Incapacidade para responder a uma questão rapidamente; • Dificuldade na memorização de datas, nomes, números de telefone; • Dificuldade em compreender piadas/provérbio/gírias; • Dificuldade com sequências como os dias da semana, meses do ano, tabuada; • Tendência para escrita em espelho. <p><i>Problemas na leitura:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura lenta, silábica, decifratória e cansativa; • Dificuldades na leitura de palavras novas e/ou desconhecidas; • Nível de leitura abaixo do esperado para a sua idade; • Omissão/adição de letras/sílabas;

	<ul style="list-style-type: none">• Substituição de palavras que não consegue ler por palavras com o mesmo significado (“carro” em vez de “automóvel”);• Falta de gosto por ler, baixa autoestima, sentimento de frustração;• Recusa na leitura em voz alta diante da turma;• Atenção instável.
--	--

Indicadores Primários/Sinais de Alerta de Dislexia nos diferentes níveis de ensino. (Torres & Fernández, 2001; Shaywitz, 2008 e Silva & Denardi, 2011)

Nunca é tarde para ensinar disléxicos a ler e a acionar informações com eficiência. Evidentemente, não existe um trabalho padronizado a todas as crianças com dislexia, mas, é necessária uma intervenção individualizada pelo profissional para melhor ajudar essa criança em seu processo de aprendizagem.

Obviamente, essa intervenção será bastante minuciosa, visto que requer **paciência, repetição e diversificação**, por vez em concomitante, pois é necessário utilizar diferentes estratégias para trabalhar o mesmo assunto quando se percebe que a criança não está conseguindo adquirir o conhecimento esperado sobre o tema.

Como será melhor demonstrado a seguir, Coelho (2016) estabelece algumas diretrizes para que a práxis docente seja mais eficiente no processo de intervenção, as quais são capitaneadas pela necessidade de o professor (ensino regular/ensino reforço escolar) delinear um plano incluindo objetivos (metas) a atingir e o planejamento de atividades peculiares às capacidades e dificuldades do aluno com quem vai intervir.

É importante observar que se uma criança não apresenta dificuldades na leitura, mas sim na compreensão/interpretação, não há porque implantar estratégias naquela área. A intervenção deve ser gradual, ou seja, o plano deverá começar por objetivos/exercícios simples, como por exemplo, leitura de texto curto e atrativo e, aos poucos, aumentar o grau de complexidade depois que a criança tenha atingido os patamares esperados.

Existem outros aspectos que, por hipótese nenhuma devem ser negligenciados, são eles: autoconfiança e autoestima das crianças disléxicas que, normalmente, possuem níveis baixos, pois, deve-se saber que as crianças tendem a se comparar com os colegas/irmãos/parentes que consideram mais inteligentes e, com isso, se sentem frustradas por não serem tão bem sucedidas quanto os demais. Essa frustração é um grande motivo para que o professor se mantenha atento em sala de aula, pois os disléxicos, baseados nesta, tendem a passarem despercebidos, sendo considerados “tranquilos”, “tímidos” ou “pouco/não participativos” nas aulas.

Por outra perspectiva, é de extrema importância que o docente converse com o aluno,

fazendo compreender que apresenta uma dificuldade em seu processo de aprendizagem, mas que, ele tendo interesse para superá-lo, o ajudará a vencê-lo. Todavia, a criança deve ser responsabilizada enquanto agente principal de transformação, devendo, portanto, existir uma postura de motivá-la, ajudando-a a perceber que existem muitas coisas que pode fazer bem, mostrando-lhe exemplos, como: mencionar alguns nomes de artistas/cientistas/professores que são disléxicos e que essas dificuldades não os impedem de serem bem sucedidos. Esses exemplos ajudarão a rever sua dificuldade e conseguir perceber as perspectivas e que ele é uma pessoa virtualmente importante em algumas áreas do seu interesse.

Ressaltando que estas crianças/alunos apresentam um ritmo de trabalho mais lento quando comparado com outras crianças/alunos com a mesma faixa etária e, muitas vezes, incongruente, melhor dizendo, num dia ele pode conseguir ler algumas frases, no dia seguinte poderá apresentar dificuldades na leitura de uma única palavra. É preciso dar tempo ao aprendiz e, acima de tudo, motivá-la sempre para conseguir resultados positivos. Lembrando que a leitura exige grande esforço e caso ela não consiga fazer melhor é porque não consegue, não porque não quer ou porque é preguiçosa ou sem interesse.

Na hora que ela errar, deve-se corrigir rapidamente, explicando porque errou, mas não exagere, comece corrigindo os erros que têm mais importância e, à medida que for evoluindo, não deixe de corrigir os restantes. Também de suma importância que evite ordená-la a ler em voz alta em frente dos colegas, a não ser que ela se sinta à vontade para realizar a leitura, esta tarefa poderá ser bastante difícil e com resultados extremistas para o seu futuro desempenho. Lembrando, ainda, que, como qualquer outra pessoa, uma criança também tem dias bons e dias ruins.

Se houver a necessidade, coloque a criança para sentar o mais próximo possível de você, evitando que a mesma fique ao fundo da sala, pois, dessa forma, reduz possíveis focos de distrações, como colega conversador ou algum outro barulho que possa distraí-la, pois estas crianças estão pouco motivadas para se concentrarem, por isso, se possível, evite as distrações ambientais. Dessa forma, fica mais fácil auxiliá-la sempre que necessário e para que ela se sinta mais confortável quando pretende pedir ajuda para esclarecimentos de algumas dúvidas.

Incentive-as a fazer perguntas e certifique-se de que ela compreendeu o que disse, pois muitas vezes as crianças dizem “sim” com a cabeça, mas suas expressões dizem “não”. Portanto, é importante preparar materiais/aulas que se tornem interessantes e estimulantes: diversifique recorrendo a imagens/ilustrações, possibilitando maior facilidade de aprendizagem e memorização quando se associa uma imagem ao conteúdo a ser trabalhado; incentive a criança a utilizar diferentes maneiras para apresentar um trabalho, afinal de contas

as tecnologias (programas, plataformas, eletrônicos, etc.) e seus avanços estão disponíveis como excelentes recursos a serem utilizados na aprendizagem.

No momento da avaliação é considerável evitar questões longas e complexas, pois a criança/aluno poderá demorar bastante para compreender a pergunta do que a própria resposta. Nesse caso, por exemplo, pode ler as perguntas ou pedir auxílio ao mediador e/ou a um colega de turma, para que a criança compreenda o que é solicitado. Também, evitar questões que estejam relacionadas com a memorização obrigatória, de forma decorativa, de informações associadas ao texto lido, pois, a criança poderá não conseguir responder pelas dificuldades que apresenta ao nível da memória de curto prazo. Lembrando que ela poderá necessitar de mais tempo para finalizar a avaliação.

Por vez, pode privilegiar a avaliação oral, realizando-a numa sala à parte, com ajuda do auxiliar, por exemplo, ou gravando as respostas deste aluno, que serão posteriormente avaliadas quando proceder à correção dos restantes dos testes da turma. Portanto, não é fácil a aplicação de algumas estratégias, devido à falta de profissionais disponíveis em sala de aula para auxiliar com as crianças disléxicas, tornando o tempo bem restrito. É indicado, nesse caso, solicitar ajuda à coordenação/direção escolar com antecedência.

A esse respeito, Hennigh (2003) propõe o recurso aos pares ou a tutoria entre alunos de diferentes idades. Deste modo, a criança disléxica recebe “a assistência de que pode necessitar quando o professor não está disponível para um ensino individualizado e as crianças apreciam o processo de aprendizagem quando interagem com outros alunos da sala de aula ou de outras salas de aula”. Esta poderá ser uma forma de promover um bom relacionamento da criança com os colegas, por exemplo, e/ou de auxiliar o professor, quando tem uma turma com um grande número de alunos, e, obviamente lhe é difícil “chegar a todos”.

Outro aspecto a ser considerado na intervenção com estas crianças é o recurso a uma terapia multissensorial, isto é, aprender pelo uso de todos os sentidos (Torres & Fernández, 2001).

Os métodos multissensoriais são os que combinam visão, audição e tato para auxiliar a criança na soletração e leitura correta das palavras. Assim, a criança começa a observar o grafema escrito, depois “escreve-o” no ar com o dedo, escutando e articulando a sua pronúncia; posteriormente, deve cortá-lo, moldá-lo em plasticina/fimo/barro e, de olhos fechados, reconhecê-lo pelo tato. Segundo os autores supramencionados, “a realização destas atividades favorece por isso a criação de imagens visuais, auditivas, cinestésicas, táteis e articulatórias que, de modo conjunto, incidem na globalização ou unidade do processo de leitura e escrita”.

Os mesmos autores propõem, ainda, uma série de outros exercícios para o treino

psicomotor, perceptivo-motor e psicolinguístico, caso a criança revele problemas a estes níveis. Assim, no caso do treino psicomotor, sugerem exercícios que facilitem a consciência do esquema corporal (do próprio corpo e, posteriormente, do corpo de outrem), a lateralidade e a orientação espaço-temporal (em cima/ em baixo, à frente/atrás, antes/depois). No que diz respeito ao treino perceptivo-motor, indicam exercícios que potencializem as capacidades visomotoras (desenhos) e a coordenação manual (recortes, picotados). Por último, quanto ao desenvolvimento psicolinguístico, as atividades propostas devem ajudar na descodificação auditiva (identificação de sons familiares, compreensão das histórias ouvidas), descodificação visual (semelhanças/diferenças, associação de letras a objetos), associação auditiva (classificações lógicas, construção de frases), associação visual (classificação de objetos por tamanhos/formas/cores), expressão verbal (narração de contos, leitura em pequenos grupos) e encerramento gramatical/automatismo vocal, isto é, a possibilidade da criança completar uma frase a partir de outra que lhe foi dada ou escrita (completamento de frases, relação/associação de ideias -, reconhecimento da forma correta das palavras - singular/plural, masculino/feminino).

Pinheiro (2009) vem ainda destacar a importância do papel dos pais, quando afirma que “a relação que a criança cria com os pais é especial e única e irá criar as bases da segurança e confiança que acompanharão a criança ao longo da sua vida. É, pois, aqui que se constrói o alicerce de todo desenvolvimento cognitivo e emocional”. Assim, é necessário que a família fomente a autoestima da criança, providenciando-lhe os apoios necessários - emocional e/ou escolar.

Preconiza-se que é importante mostrar uma atitude positiva; fortalecendo todas as aptidões e habilidades do seu discente para conseguir acreditar em si próprio e enxergar as possibilidades de sucesso para vida pessoal/profissional e não focar naquilo que ele não consegue, naquilo que tem dificuldades em fazer, ou seja, a leitura. O seu aluno pode ser um gênio, talentoso em outros campos de atividades. É importante compreender que o diagnóstico de dislexia “não significa que o seu filho não seja capaz de aprender (...) [mas] que a criança necessita de encontrar outras estratégias que a ajude a aprender um pouco mais facilmente” (Hennigh, 2003).

A autora supracitada propõe mesmo um conjunto de princípios que podem ajudar os pais das crianças disléxicas:

1. Mostre e partilhe o prazer de ler (dê bom exemplo);

2. Incentive o seu filho a manusear livros com frequência, cuidado e respeito (esteja atento aos gostos dele e deixe livros interessantes à sua disposição) e/ou visite uma livraria/biblioteca e assegure-lhe um cartão de leitor, por exemplo;
3. Leia para ele em voz alta e com entusiasmo (se possível, repita-o todas as noites) - tenha o cuidado de instalar uma boa iluminação na zona de leitura;
4. Incentive-o a ler para si, a partilhar consigo o que leu e a debater os enredos, as personagens, os sentimentos;
5. Sinta-se satisfeito com os progressos verificados (mesmo que muito poucos) e elogie-o sempre que tal se verificar.

Por fim, é relevante mencionar a necessidade de articulação entre todas as pessoas que intervêm junto da criança, principalmente pais e professores, ou seja, os pais manterem uma comunicação pertinente de informações para com os professores, também buscando maneiras de como ajudar no processo de aprendizagem da sua criança.

Da mesma forma, o professor deve comunicar-se com os pais/responsáveis, transmitindo dados necessários e, se possível, orientá-los como proceder em determinadas situações quando perceber que a família se sente despreparada para tal. Informações simples, como:

- “Hoje a atividade de casa é fácil, portanto, só precisa incentivá-lo a realizar sozinho, sem ajuda”;
- “Essa noite meu filho não dormiu bem e hoje não se alimentou”, etc.

Surgindo situações adversas (como morte na família, separação dos pais, entre outros acontecimentos), nota-se a importância da existência de diálogo/troca para uma boa intervenção, visto que esse campo de emoções/sentimentos tem sido muito ignorado, tanto na escola quanto em casa.

Dessa forma, pode assegurar firmeza e qualidade do trabalho realizado e evitar que, nas situações supracitadas, por exemplo, as crianças não realizem, constantemente, os mesmos exercícios. Como reafirma Silva (2004, p.44 e p. 56): “Há uma grande necessidade de atividades diversificadas que envolvam tanto a expressão corporal como o sabor, o cheiro, a cor e a expressão plástica. Aprender não é falar sobre, é fazer! E para aprender bem, é necessário estar envolvido”.

CONCLUSÕES

Diante dos estudos realizados, pode-se concluir que a Dislexia não se configura como uma doença, cientificamente falando, mas como um distúrbio que causa dificuldades na aprendizagem, estruturadas em informações neurológicas e outros fatores, como os genéticos.

Fato é que, quanto antes existir o diagnóstico da Dislexia, os resultados dos acompanhamentos e das estratégias de atuação serão mais eficazes, pois será uma atuação mais particularizada para cada caso, visto que educandos disléxicos demonstram um nível de inteligência considerado normal ou até acima da média.

Devemos ter a ciência de que o trabalho pedagógico precisa estar adequado ao máximo às necessidades do educando disléxico; logo, é imprescindível que o educador possua os conhecimentos indispensáveis para saber como trabalhar os alunos diagnosticados, de forma que cada transtorno de aprendizagem seja tratado de forma estratégica, a fim de que o desenvolvimento do conhecimento seja motivado precocemente, visando garantir grandes progressos do aprendente na escola e em seu meio social.

A equipe multidisciplinar que acompanha o desenvolvimento do discente tem o importante papel de elaborar situações desafiadoras, motivadoras e instigadoras como formas de intervenção, a fim de promover o interesse e a atenção deste na aprendizagem, potencializando sua autoconfiança e autonomia, estimulando-o na resolução de problemas do cotidiano e das frustrações que podem surgir ao longo da vida.

Vale destacar que os jogos educativos e as atividades lúdicas também são instrumentos que proporcionam uma aprendizagem mais dinâmica e aprazível na busca de conhecimentos e novas experiências, beneficiando o rendimento escolar, promovendo aumento da imaginação e criatividade.

Assegurar o bom equilíbrio de sentimentos e afabilidade são importantes para a geração de relação afetiva, pois o professor que atua com satisfação, acreditando no trabalho que está desenvolvendo, consegue ter conduta educativa que gere resultados positivos, conquistando respeito, confiança e acolhimento por parte do educando, como um ser que necessita de uma atenção maior, devido as suas especificidades.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

COELHO, Diana Tereso. **Dificuldades de aprendizagem específicas. Dislexia, Disgrafia,**

Disortografia e Discalculia. 2016. Portugal: Areal Editores.

CRUZ, V. **Dificuldades de Aprendizagem – fundamentos.** Porto: Porto Editora, 1999.

FELIX, Tatiana E. R.; FREIRE, Regina Maria. **Dislexia sob o olhar da literatura específica. Distúrbios da Comunicação,** São Paulo, v. 24, n. 3, p.299-307, 2012

FERNÁNDEZ, A. (1991). **A Inteligência Aprisionada.** Porto Alegre: Artmed Editora.

HENNIGH, K. A. (2003). **Compreender a Dislexia: Um guia para pais e professores.** Porto: Porto Editora.

MOURA, O.; PEREIRA, M.; SIMÕES, M. R. (2018). **DISLEXIA – Teoria, Avaliação e Intervenção.** Editora: PACTOR, Lisboa.

NARDI, R.; CORTELLA, B. S. C. Formação de professores de Física: das intenções legais ao discurso dos formadores. In: XVI Simpósio Nacional de Ensino de Física, 2005, Rio de Janeiro. **Caderno de Resumos.** São Paulo - SP: Sociedade Brasileira de Física, 2005. v. 1. p. 175-175, 2005.

OHLWEILER, Lygia. **Transtornos da Aprendizagem. Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar.** Artmed Editora S.A. - 2ª Edição, 2015.

PAÍN, S. (1985). **Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 1985.

PINHEIRO, S. M. L. S. R. (2009). **Dificuldades Específicas de Aprendizagem: A Dislexia.** Tese de Mestrado em Educação Especial. Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto, 129 pp. Disponível em: <http://repositorio.uportu.pt:8080/handle/11328/89>. Acesso em: 20 de outubro de 2022.

REBELO, J. (1993). **Dificuldades da leitura e da escrita em alunos do ensino básico.** Coleção Horizontes da Didáctica. Porto: Edições Asa.

SALES, E. S.; MONTEIRO, I. G. S.; LIMA, K. S. Formação de professor, diretrizes da Educação brasileira para o ensino de Química e Avaliação: saberes docentes essenciais à formação docente. In: VII Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, 2013, São Cristóvão - SE. **Anais do Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade,** 2013.

SHAYWITZ, Sally. (2006). **Entendendo a Dislexia – Um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura.** Editora: Artmed.

SILVA, F. T. G. T. (2004). **Lado a Lado – Experiências com a Dislexia.** Coleção Educação Hoje. Lisboa: Textos Editores.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura.** 6ª ed. – Porto Alegre: Artmed, 1998.

TORRES & FERNÁNDEZ, 2001; SHAYWITZ, 2008 e SILVA & DENARDI, 2011. **Indicadores Primários/Sinais de Alerta de Dislexia nos diferentes níveis de ensino. Dificuldades de Aprendizagem Específicas. Dislexia, Disgrafia, Disortografia e**

Discalculia, pg. 19. Areal Editores. Departamento de Educação, UFRPE, 2008.

TORRES, R. & FERNÁNDEZ, P. (2001). **Dislexia, Disortografia e Disgrafia**. Amadora: McGraw-Hill.

Submetido em: 30/09/2023

Aceito em: 02/12/2023

Publicado em: 31/12/2023

Avaliado pelo sistema *double blind* review